

Considerações sistemáticas sobre o falar de Deus, a partir do Novo Testamento (1)

Wilhelm Hüffmeier

1. Falar sobre Deus pressupõe em primeiro lugar a consciência de que “Deus” é apenas uma **palavra ambígua**, que nem determina nem evoca automaticamente aquele que o Novo Testamento quer anunciar como Deus.

A diferenciação que o apóstolo Paulo faz entre *logos* e *dynamis*, entre palavra e poder (1 Co 4, 19s. e 1 Ts 1, 5), que corresponde de certo modo à diferenciação entre uma *didachê kat' exousian* e uma *didachê kata paradysin tón presbyterôn*, ensino com poder e ensino segundo a tradição dos anciãos, nos sinóticos (cf. Mc 1, 22.27 com Mc 7, 3), também deve ser aplicada ao falar de Deus. “Deus” é uma das palavras de nossas línguas com todas as características duma “palavra”. Pode brilhar, se é usada rara e corretamente. É ameaçada pela morte da insignificância, quando e onde é usada e recitada demais em expressões usuais (p. ex. “pelo amor de Deus”, “Deus me livre”, etc.). Como palavra de nossa língua, “Deus” é definida por tradições religiosas e filosóficas, por costumes e experiências, oscilando assim entre tudo e nada, no que diz respeito a seu significado. Com boa dose de razão Lutero disse certa vez: “Qualis unusquisque est, talis est ei deus” (Tal qual alguém é, tal qual é Deus para ele — WA 4, 483, 7s). Daí resulta a ambigüidade da palavra “Deus”. No Novo Testamento essa ambigüidade reflete-se no fato de que ele encontra-se num mundo de muitos deuses (cf. só At 17, 16ss). A palavra ambígua “Deus” precisa da *dynamis theou* (Rm 1, 16) para tornar-se uma palavra de Deus. Mas o “poder de Deus” não precisa do termo “Deus”, de modo que Paulo pode falar de Deus sem mencionar essa palavra (cf. Rm 8, 11; 2 Co 4, 14, onde é falado de Deus como “o que ressuscitou o Senhor Jesus”).

2. Apesar da ambigüidade da palavra “Deus”, que o Novo Testamento também reflete, “Deus” não é um termo absolutamente relativo e subjetivo, mas tem um **sentido natural**, que em todo seu uso consciente é conotado de uma ou outra maneira. Falando na terminologia lingüística, a palavra “Deus” é ao mesmo tempo “auto-semânticon” (uma palavra que tem seu sentido em si e por si) e “sinsemânticon” (uma palavra que recebe seu sentido pelo contexto no qual é usada).

O Novo Testamento surgiu num tempo quando a fé em Deus, respectivamente em deuses, era uma coisa natural. O Jesus his-

(1) O presente trabalho reproduz uma contribuição para um encontro de diálogo teológico. Espero que isso explique algumas das óbvias fraquezas, principalmente sua brevidade e seu tom apodíctico.

tórico, por ex., está por dentro da tradição do Antigo Testamento e do judaísmo, quando fala de Deus como Deus de Abraão, Isaque e Jacó (Mc 12, 16s) ou quando usa textos do Antigo Testamento para falar de Deus (cf. Mc 10, 6ss) ou ainda quando usa o termo **basileia tou theou**. As prédicas dos apóstolos e de Paulo nos Atos contam com a fé em Deus daqueles aos quais se dirigem. A fé em Deus está naturalmente viva no Novo Testamento.

Este fato, aliás, distingue o mundo contemporâneo ao Novo Testamento de nossos tempos em que Deus desvaneceu e está desvanecendo, tanto em referência às coisas quanto na consciência e na experiência do homem. M. Buber falou do “eclipse de Deus”. Antes dele Hegel e Nietzsche compreenderam a essência dos tempos modernos como “morte de Deus”, o que M. Heidegger com razão interpretou assim: “O mundo supra-sensível perdeu sua força efetiva” (2).

Por outro lado, o Novo Testamento jamais afirma que a fé natural em Deus ou então o sentido natural da palavra “Deus” incluem em si o falar correto de Deus. Ao contrário, o Novo Testamento sustenta que muita gente no seu saber de Deus não compreendeu Deus, mas só os “assim chamados deuses” (Gl 4, 9). Até mesmo chega à afirmação de que aquele mundo que era cheio de deuses — o mundo grego — era “ateísta” (Ef 2, 12) (3), de modo que seus deuses eram “ídeos” (1 Ts 1, 9). Para formular paradoxalmente: o Novo Testamento sabe que “Deus” possivelmente não seja Deus, que “Deus” possivelmente seja um cheque sem fundos. Isso significa: o Novo Testamento luta com o mundo sobre o sentido certo da palavra “Deus” e sobre a correspondência entre “Deus” como palavra e o “poder” de Deus.

3. A dimensão natural da palavra “Deus”, que é conotada de uma ou outra maneira no seu uso consciente em nossas línguas e também no Novo Testamento, pode ser exposta por quatro elementos:

3.1. A palavra “Deus” designa aquilo respectivamente aquele que é de primeira e última importância numa vida humana, aquilo — para falar com P. Tillich — que me atinge ou toca incondicionalmente e, devido a isso, exige minha constante atenção e preocupação.

3.2. A palavra “Deus” designa aquilo a que se deve a vida humana, pois designa o que é a origem de todas as coisas.

3.3. A palavra “Deus” designa uma força sobrenatural, ilimitada e superior que é qualitativamente diferente do mundo e do homem, uma força que o homem experimenta em parte a favor de si e, por outro lado, contra si.

(2) Nietzsches Wort “Gott ist tot”, em Holzwege (Frankfurt, 1950), pág. 200.

(3) Mais tarde, a partir do séc. II, o mundo não-cristão começou a chamar os cristãos de ateístas, pois tinham um Deus que não correspondia aquilo que o mundo grego conheceu como divino.

3.4. A palavra "Deus" pode ser palavra de chamamento ou predicativo.

Ad 3.1. O sentido natural, segundo o qual a palavra "Deus" designa aquilo que é de primeira e última importância numa vida humana, possibilita uma formulação como Fl 3, 19, onde Paulo afirma que há gente cujo deus é seu estômago, sendo o estômago sua primeira e última preocupação, que exige até mesmo um certo culto. Cf. também formulações como Mt 6, 24ss, que falam daquilo que atinge o homem tão profundamente que exige aquela atenção que é prestada a Deus. "Quod unusquisque colit et veneratur, hoc sibi deus est" (O que alguém cultiva e venera, aquilo é deus para ele — Agostinho). Ou: "Aquilo, sobre o qual colocas teu coração e no qual confias, isto é, na verdade, teu Deus" (Lutero, **Catecismo maior**, interpretação do 1.º mandamento).

Ad 3.2. Tanto o famoso prólogo do quarto evangelho (Jo 1, 1ss) quanto as formulações litúrgicas em Rm 11, 32ss ou 1 Co 8, 4ss pressupõem que Deus é a origem de todas as coisas, assim como o mantenedor delas. Esse sentido natural da palavra "Deus" foi ameaçado pelo movimento gnóstico e tinha que ser reafirmado no próprio Novo Testamento. E se falamos hoje em dia da "morte de Deus", então temos em mente, além de outras coisas, que para os tempos modernos esse elemento do termo "Deus" perdeu sua força de convicção direta e imediata.

Ad 3.3. A mesma coisa vale para o terceiro elemento da dimensão do sentido natural da palavra "Deus". Também perdeu sua força. No Novo Testamento é conotado nas histórias de milagres dos sinóticos e do quarto evangelho. Deus indica uma força sobrenatural e ilimitada, superior a todas as forças humanas e mundanas, para a qual "tudo é possível" (Mc 10, 27; cf. Rm 4, 17). Dessa implicação do termo "Deus" resulta o escândalo do quarto evangelho e da teologia de Paulo, a saber, que um homem limitado e fraco tornou-se idêntico com essa força superior (cf. Jo 1, 14 com 10, 33). Por outro lado, formulações como Mc 10, 9 e 10, 27 e o dualismo joanino (cf. Jo 17, 13ss) deixam bem claro que a força designada pela palavra "Deus" deve ser qualitativamente distinguida do homem e do mundo. Pois quem diz Deus diz também, segundo o Novo Testamento, eternidade, onipotência, glória, honra, liberdade, senhorio, etc. Tudo isso, porém, não vale ou então só vale restritivamente do homem mortal, limitado, fraco, necessitado, etc.

Ad 3.4. Finalmente: Num artigo sobre "Theos und Mythos" (4), K. Kerényi demonstrou de novo que na antiga Grécia o termo theos foi predicativo, o que p. ex. aparece numa formulação de Eurípides na tragédia Helena, onde diz "theos . . . kai to ginôskein filous." Kerényi traduz e interpreta: o acontecimento em que amigos se reconhecem é deus. Um acontecimento humano recebe o predicativo "deus". A um tal acontecimento não se pode dizer

(4) Em: *Kerygma und Mythos*, vol. VI/1 (Hamburg, 1963), pág. 28ss.

“tu”, não se pode chamar. Deus não é palavra de chamamento nesse âmbito, mas palavra que eleva os pontos destacados da vida humana a um acontecimento divino, de modo que se possa dizer: “ecce Deus”, eis Deus. Essa dimensão da palavra “Deus” pode ser incluída em Fl 3, 19, que tem uma certa semelhança com o dito de Ésquilo na Orestia: “Ter sucesso é deus para os homens”. “Deus” lá é palavra de elevação. Na palavra “Deus” o homem auto-eleva a si mesmo (cf. L. Feuerbach). No Novo Testamento, porém, Deus é principalmente palavra de chamamento, vocativo, implicando a possibilidade de um “tu”: “Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?” (Mc 15, 34 = Sl 22, 2). Nisso o Novo Testamento demonstra sua estreita ligação com o Antigo Testamento.

Essas diferenciações, com suas contradições e tensões, aliás, demonstram que o sentido natural da palavra “Deus” também é resultado de um desenvolvimento histórico, no qual uns elementos, originalmente centrais e fortes, podem perder sua força, enquanto outros, originalmente periféricos, podem se mover no centro, enquanto ainda outros podem ser descobertos.

Numa maneira muito tocante, M. Buber descreveu a problemática da palavra “Deus” e de seu sentido natural. Buber diz: “É a palavra mais carregada de todas as palavras humanas. Nenhuma outra palavra foi tão enlameada, tão esfarrapada... As gerações dos homens jogaram a carga de sua vida amedrontada sobre esta palavra e a pisotearam; está deitada no pó e suporta as cargas de todos. As gerações dos homens com seus partidos religiosos rasgaram essa palavra: mataram e foram mortos por causa dela; carrega as impressões digitais e o sangue de todas elas. Onde acharia uma palavra igual a essa para designar o mais alto? Se tomasse o termo mais puro e resplandecente do tesouro mais íntimo dos filósofos, só poderia nele apreender uma fantasia sem compromisso, mas não a presença daquele a quem gerações dos homens veneraram e humilharam com sua vida e morte monstruosas. A esse tenho em mente, no qual pensam as gerações dos homens atormentadas no inferno e arremetendo-se ao céu. Certo, eles pintam caricaturas e escrevem debaixo ‘Deus’. Eles matam-se uns aos outros e dizem ‘em nome de Deus’. Mas quando toda a fantasia e engano se esvaíram, quando eles se confrontam com Ele na escuridão mais solitária, não dizendo mais ‘Ele, Ele’, mas sim suspirando ‘Tu, Tu’, gritando ‘Tu’, todos eles a mesma coisa, e quando então acrescentarem ‘Deus’, aí não seria este o verdadeiro Deus, ao qual todos eles clamam, o único vivo, o Deus dos homens? Não é Ele quem os ouve? E que os atende? E não é por causa disto a palavra ‘Deus’ a palavra do chamamento, a palavra que se tornou nome consagrado para todos os tempos em todas as línguas dos homens?” (5)

4. Para o surgimento e o entendimento do sentido da palavra “Deus” no Novo Testamento devem ser consideradas, além do

(5) M. Buber, *Begegnung* (Stuttgart, 1960), pág. 43, citado em K. Kerényi, op. cit., pág. 31.

já dito, duas regras hermenêuticas de Lutero:

4.1. "Omnia vocabula fiunt nova, quando e suo foro in alienum transferuntur" (Todas as palavras tornam-se novas, quando de seu foro são transferidas para um estranho — WA 39/I, 231, 1ss).

4.2. Em relação como o uso de palavras em seu sentido natural: "Si vultis uti vocabulis istis, prius quaeso illa bene purgate, füret sie mal zum Bade" ("Se vocês quiserem usar aquelas palavras, em primeira lugar peço que vocês as purifiquem, dêem a elas um bom banho" — *ibid.*, 229, 16-19).

A formulação de Paulo em 2 Co 5, 17: "Se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo", vale também para a palavra "Deus".

5. A transferência da palavra "Deus" do seu foro natural para o foro teológico no Novo Testamento deve-se a uma iniciativa do próprio Deus e traz consigo uma redefinição daquilo que a palavra "Deus" significa naturalmente.

Segundo o Novo Testamento não é assim que um homem ou homens, na sua tentativa de falar de Deus ou descobri-lo, redefinem a palavra "Deus". Mas Deus mesmo redefine a palavra "Deus", definindo-se numa maneira que nenhum homem podia esperar ou pensar (1 Co 2, 9) e numa situação que para o significado natural da palavra "Deus" significa a ausência dele (cf. Mc 15, 34 com 1 Co 1, 18ss). Escândalo, loucura, fuga dos discípulos, ausência de "Deus", falta de qualquer esperança são os elementos dessa situação, falando de modo natural. Porque Deus redefiniu a palavra "Deus" no acontecimento da cruz e da ressurreição de Jesus Cristo. Isso, porém, parece só confirmar o terceiro elemento do sentido natural da palavra "Deus". Deus salva, com sua força vital ilimitada, Jesus dos mortos. Esse entendimento da ressurreição, porém, é falso. Pois aquele Jesus que Deus ressuscitou dos mortos não é simplesmente um homem mortal. Ele é também Filho de Deus (Mc 15, 36; Rm 8, 3; etc.). Nele, na sua vida e morte, a própria divindade de Deus está no jogo. Pois nele Deus não só fica diante do homem numa transcendência segura, mas identificou-se com um homem, participando concretamente e sem reservas no destino dele, fazendo assim o homem Jesus o critério da redefinição da palavra "Deus". Com razão diz K. Barth: "Qual é a liberdade de Deus, em que sentido ele é criador e Senhor de todas as coisas, distinguido delas e superior a elas, em suma: o que se deve compreender sob divindade — isto temos que aprender de Jesus Cristo, sendo cuidadosos diante de todos os termos (de Deus) costumeiros, prontos a deixar corrigi-los, talvez invertê-los e preenchê-los de novo na maneira mais surpreendente. Ele define aqueles termos, não eles o definem. Justamente quando partimos do fato de que

(6) K. Barth, *Kirchliche Dogmatik*, vol. IV/1 (Zürich, 1953), pág. 141.

ele é o verdadeiro Deus, temos que nos dirigir estritamente a ele, querendo entender o que é 'verdadeira divindade.'" (6)

A observação que já com o Jesus histórico, quer dizer com um dos homens, ocorre essa redefinição da palavra "Deus", pela transferência dela do foro religioso-cúltico (rabinismo), político (Flávio Josefo) ou ontológico (Filão de Alexandria) para o foro da vida humana na sua dimensão pessoal (Deus como 'paizinho', falar de Deus em narrações da vida cotidiana), não invalida nossa primeira afirmação de que a renovação da palavra "Deus" se deve a uma iniciativa do próprio Deus. Pois Jesus não fala de si mesmo (Jo 5, 19.30; 8, 42; etc.), mas fala com exousia. Dito na terminologia de Paulo, ele fala pela *dynamis theou*. Também para o homem Jesus vale que só pode falar de Deus pela autorização de Deus, estando a realeza de Deus à disposição na vida cotidiana, na humanidade do homem (Mc 1, 15; Lc 11, 20; etc.). Deus era, é e permanece o sujeito da definição da palavra "Deus". "Falar de Deus falando desde Deus, é algo que evidentemente só pode ser concedido pelo próprio Deus." (7) A palavra "Deus" bíblicamente responsabilizada, não funciona naturalmente, mas só funciona quando Deus a conquista e prontifica. Essa conquista e prontificação aconteceu, segundo o Novo Testamento, uma vez para sempre na história da vida e da morte de Jesus Cristo.

6. Na redefinição da palavra "Deus" pelo próprio Deus na história de Jesus Cristo o sentido natural dessa palavra não é totalmente abandonado, mas é colocado a serviço do novo sentido que a palavra "Deus" recebe no seu contexto cristológico.

"Todo o escriba instruído do Reino dos céus (= Deus) é semelhante a um pai de família que tira do seu tesouro coisas novas e velhas" (Mt 13, 52). Não se pode negar que os elementos naturais da palavra "Deus" formulados em 3.1. até 3.4. formam partes decisivas também do sentido cristológico dessa palavra. Deus entra na vida humana, tocando-a incondicionalmente. Isso, de certo modo, é refletido nas perícopes do chamamento dos discípulos (Mc 1, 16-19). E nesse sentido vale o que R. Bultmann no artigo já citado diz: "De fato, é esta a única resposta para a questão de se e quando podemos falar de Deus: quando somos obrigados" (8) (cf. At 4, 20). Não se pode falar de Deus sem ser comprometido por ele. Deus é palavra de compromisso, sim, de obrigação (1 Co 9, 16). E nesse compromisso o homem experimenta que não se deve a si mesmo, mas àquele que o compromete. Sendo comprometido, experimenta sua verdadeira origem. Deixando se comprometer por Jesus Cristo, o Verbo encarnado, o homem vem a afirmar que no princípio era o Verbo e tudo foi feito pelo Verbo e nada existe sem o Verbo. Gnoseologicamente dito, o caminho leva de Jo 1, 14 até Jo 1, 1ss. — Ora, quem pode comprometer tem força,

(7) R. Bultmann, "Que sentido tem falar de Deus?" Minha tradução segue a edição espanhola de *Creer y comprender*, vol. 1 (Madrid, 1974), pág. 29.

(8) Op. cit., pág. 34.

é senhor. Quem pode comprometer incondicionalmente é ou ditador ou amor. O Novo Testamento testemunha que Deus compromete pelo amor (1 Jo 4, 8.16). No ser comprometido o homem experimenta Deus como força superior, mas como força benevolente, como bom senhor. Assim Deus é distinguido do mundo e dos homens.

Todavia, com essa manutenção do sentido natural da palavra "Deus" alcançamos somente a periferia daquilo que o Novo Testamento quer anunciar como Deus. Queremos ver a transformação dessa palavra, verificando mais de perto o novo sentido e a nova qualificação que os elementos 3.1. até 3.4. ganham na sua transferência do foro natural para o foro cristológico. Pressuposição é a definição de Deus em 1 Jo 4, 8.16 e sua verificação na pessoa de Jesus Cristo. Limite-me a quatro teses.

7.1. Segundo o Novo Testamento a palavra "Deus" designa Deus como aquele que me toca incondicionalmente, apenas quando conota Jesus Cristo de tal modo que cativa pessoas, pela comunicação de que elas são amadas por aquela força que experimentaram naturalmente como seu adversário e inimigo (cf. 3.3).

7.2. Segundo o Novo Testamento a palavra "Deus" designa aquele a quem se deve a vida humana, quando deixa entender essa origem como origem de sua libertação para uma vida com outros homens livres. Só quem se sente amado experimenta liberdade.

7.3. Segundo o Novo Testamento a palavra "Deus" só significa aquele que é diferente do mundo e dos homens, quando isso não exclui mas inclui a possibilidade e a realidade da identidade entre Deus e o homem Jesus. Essa identidade define a força ilimitada de Deus como poder de amor, pois se deve a um processo de identificação. E identificação é amor. Esse amor, aliás, define aquela identidade como identidade inclusiva (abrangendo todos os homens). Pois Jesus é o homem para os homens.

7.4. Segundo o Novo Testamento a palavra "Deus" é palavra de chamamento, pois amor ouve. E Deus só é predicativo sendo no mesmo momento também sujeito desse predicativo. Porque Deus não pode deixar de ser Deus, assim como o amor não pode deixar de ser amor.